**Artigo**

# Igreja de Nossa Senhora do Rosário: história[1]

**Janaina Faleiro Lucas Mesquita** A B C D E F
Docente no curso de arquitetura e urbanismo, Centro Universitário de Lavras (Unilavras), Conselho de patrimônio cultural de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: janaina_faleiro@hotmail.com

**Geovani Németh Torres** A B C D E F
Conselho de patrimônio cultural de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil. Eomail: nemeth.torres@gmail.com

**Rafaella Lasmar Bozetti** A B C D E F
Graduanda no curso de arquitetura e urbanismo, Centro Universitário de Lavras (Unilavras), Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: rafaela.bozetti@hotmail.com

## Resumo

Lavras (Minas Gerais), antes conhecida como Sant'Ana das Lavras do Funil, possui como marco inicial de seu desenvolvimento a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Uma das poucas construções restantes do século XVIII na região, foi construída gradualmente mesclando os estilos barroco com o rococó e se caracterizando originalmente por trabalhos de entalhe de madeira e pedra. A problemática aqui proposta gira em torno de como se encontra essa edificação no ano de 2020 e se as transformações pelas quais passou foram ou não benéficas à sua preservação, evidenciando os pontos de maior descaracterização, através do método de contextualização histórica.

Palavras-chave: Arquitetura histórica; Patrimônio cultural; Restauro.

*MESQUITA, Janaína Faleiro Lucas; NÉMETH-TORRES, Geovani; BOZETTI, Rafaella Lasmar. Igreja de Nossa Senhora do Rosário: história. Revista Políticas Públicas & Cidades, Belo Horizonte, ano 2019, v. 8, n. 4, 20 dez. 2019. Seção artigos, p. 64-76*

*Submetido: 16 de setembro de 2019*
*Aceito: 02 de dezembro de 2019*
*Publicado: 20 de dezembro de 2019*

1 Contribuição: A. fundamentação teórico-conceitual e problematização; B. pesquisa de dados e análise estatística; C. elaboração de figuras e tabelas; D. ilustrações; E. elaboração e redação do texto; F. seleção das referências bibliográficas.

## Introdução

O município de Lavras, localizado ao Sul do estado de Minas Gerais, começou a povoar-se em 1720, impulsionado pelo ciclo do ouro e pela descoberta de jazidas auríferas por bandeirantes paulistas em seu território, como cita Andrade, Coelho e Tavares (1997). A princípio, sendo o povoado freguesia de Carrancas, a primeira Capela com invocação a Sant'Ana só foi construída em 1751, quando Dom Frei Manoel da Cruz concedeu uma licença para que pudesse ser edificada no povoado de Sant'Ana das Lavras do Funil, como antes era conhecida. Como única construção do século XVIII ainda existente, a pequena capela marca assim, o início do povoamento e desenvolvimento do núcleo urbano principal da cidade.

Em meados do século XX, os cultos celebrados na Igreja do Rosário foram ficando escassos e o tempo foi deixando as suas marcas. A edificação foi se degradando dia após dia, até que em 1940 esteve para ser vendida e substituída por uma edificação comercial. José Luiz de Mesquita, professor, cidadão e sacristão da Igreja na época, prontamente se manifestou, e com a comoção de parte da população telegrafou para o órgão responsável pelo Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN), como era denominado na época, que interviu e interrompeu a negociação de imediato (ANDRADE; COELHO; TAVARES, 1997).

Caso a negociação se concretizasse, teria sido perdido um importante edifício histórico e arquitetônico. Sendo uma construção barroca, em estilo rococó, e um monumento com características originais que abriga preciosos trabalhos de entalhe de madeira e pedra do século XVIII, marcos de verdadeiras obras de pura arquitetura colonial, é um exemplo de como podem surgir diferentes modelos de construções, em diferentes estilos, em um mesmo século. Sendo assim, no dia 02 de setembro de 1948, seu tombamento foi concretizado pelo Patrimônio Histórico Nacional (ANDRADE; COELHO; TAVARES, 1997 e PEREIRA, 2001).

A conquista de 1948 parece não ter sido valorizada, pois o que se percebe ao estudar o histórico da edificação é o descaso e a falta de cuidado. Durante alguns anos, pequenos reparos foram sendo feitos de acordo com a maior necessidade, o que chegou a descaracterizar a construção. Somente em 2008, o templo passou por outra grande intervenção, que já não contou com profissionais de restauro e que em alguns pontos desqualificou pequenas partes da história da edificação. Nesse contexto, este trabalho propõe pontuar o histórico de alterações da edificação apresentada, através de uma análise histórica dos seus restauros e de suas reformas. Em vista disso, irá complementar a pouca literatura existente sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário, caracterizando suas alterações, benéficas ou não, juntamente com suas causas e efeitos.

## Revisão Bibliográfica

Baseado na pouca literatura existente sobre tal edificação histórica, este artigo se alia aos conhecimentos de Geovani Németh-Torres e Honório Nicholls Pereira, com a intenção de elevar tal obra à importantes conhecimentos históricos estritamente necessários.

Sua história se inicia com a súplica da população perante Dom Frei Manuel da Cruz, bispo de Mariana, para que pudesse ser construído no povoado das Lavras do Funil, uma capela com invocação a Sant'Ana (ANDRADE; COELHO; TAVARES, 1997). Conquanto, para que a construção pudesse ser concretizada, era necessário que se tivesse garantia de um mínimo de recurso material. Assim, uma das famílias pioneiras que se instalaram no povoado, se prontificou em 1753, a ceder uma área adjacente à igreja, para que ela fosse edificada e continuasse sendo guiada pelas gerações da família Morais de Salgado.

Sendo inicialmente edificada em 1754, como uma única capela-mor, foi denominada como Capela de Sant'Ana. Uma vez que, a família que realizou a doação do terreno, tinha a mãe de Maria como padroeira em homenagem a Santana do Parnaíba, terra natal dos fundadores de Lavras, família Bueno da Fonseca. Entre 1760 e 1765, a nave-mor foi acrescida, assim como um adro e uma torre. Sua forma atual foi concretizada apenas em 1784, em resposta a ampliação urbana sofrida pelo arraial, ganhando nessa época uma sacristia e a torre baixa sul.

Em meados do século XIX, a partir de pesquisa nos relatórios enviados pelo então Pároco Pe. Manoel de Souza Lima à Presidência da Província de Minas Gerais, entre 1849 e 1854, foram feitas as últimas ampliações no corpo e entorno da igreja. Ela ganharia as meias torres, corredores e capelas laterais – solução formal próxima a sua forma atual.

O frontispício da igreja teve sua reforma interrompida, aparentemente por falta de recursos. Este também deve ter sido o fator da opção da cobertura das torres sineiras, na solução híbrida das meias-torres. É possível que a interrupção da reforma por falta de recursos ocorrera pela opção da construção do novo cemitério, ao seu redor, por frades capuchinos em 1853.

Vale a pena ser lembrado, ainda no século XIX, que a igreja era utilizada para outros fins, como escola e local das eleições, por ser o único espaço público do município.

Os informes da década de 1860 sugerem que a matriz continuava a necessitar de consertos no forro do corpo da igreja e em sua sacristia, além de reboco, repintura externa e emboçamento do telhado. Uma forma encontrada para se obter os recursos para as obras foi a loteria beneficente, sendo a Matriz de Sant'Ana uma

das igrejas contempladas. Não se sabe qual fora a premiação e quanto dinheiro fora destinado às obras da matriz, mas parece-nos que algumas melhorias foram feitas.

Em verdade, a memória oral lavrense informa que o camarote existente na igreja foi instalado para a visita da Família Imperial, em 1881, que sucedeu a abertura da Estrada de Ferro oeste de Minas, em São Jõao del-Rei.

Conforme visto, o planejamento para a concepção de uma nova matriz sugerido em 1850, só seria efetivado no século XX. Após o início da construção da nova e efetiva matriz do município, iniciativa do pároco Francisco Severo Malaquias e motivada pelos ideais modernistas e progressistas da época, a antiga igreja matriz viria a receber sua atual denominação – Igreja Nossa Senhora do Rosário. Tal denominação foi confirmada em 1917.

> Mas – e as pessoas mais velhas hão de lembrar – os últimos sessenta anos da igreja do Rosário não foram dos mais felizes, pois por décadas o templo amargurou um triste abandono: houve tanto campanhas para a recuperação da igreja quanto para sua demolição. Até o tempo desmoronou algumas paredes, que felizmente homens resolutos reergueram... (NÉMETH-TORRES, 2010, p.92).

Sabe-se que a última reforma pré-tombamento da igreja se deu em 1928, por iniciativa do padre Fernando Baumhoff, SCJ. Na oportunidade, foram instalados dois novos sinos, fundidos em Divinópolis – MG.

Posteriormente, a década de 30 marcaria o início do processo de decadência da igreja, já que, ficou fechada na maior parte do tempo, sendo aberta somente em celebrações da Semana Santa ou em ocasiões especiais. Devido às tensões causadas pela II Guerra Mundial, nos anos de 1940 a situação piorou, pois os párocos constantemente se alternavam na direção da igreja, o que refletiu em sua conservação. Curiosamente, em 1944, a nave foi usada como área de distribuição de açúcar, então racionado durante o esforço de guerra.

Contudo, ainda naquele ano começariam as primeiras manifestações em defesa da preservação da multissecular igreja.

## Resultados e Discussões

Já que, durante a década de 40, enquanto também aconteciam tensões referentes à II Guerra, houve especulações sobre a venda da igreja do Rosário, considerada devido ao estado precário de sua conservação, que levou também a uma discussão sobre sua demolição. Em 1945, sem respostas do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) (1) garantindo a preservação da edificação histórica, seu estado permanecia delicado, e em conseguinte, ocorreu um desabamento de pequena parte de seu telhado.

Sendo assim, devido à falta de intervenção vinda do Patrimônio Histórico, a população começou a se mobilizar, e assim, organizaram uma campanha para que as melhorias necessárias fossem feitas. A

mobilização teve grande efeito, e em 1948 o templo católico estava no centro do debate público. José Luiz de Mesquita foi o principal mobilizador para que manifestações fossem feitas e chegassem ao órgão nacional, diante disso, no dia 2 de setembro de 1948 ela foi inscrita na lista de bens tombados, garantindo preservação por lei e seu restauro, que seria feita pelo SPHAN em 1949.

Quatro meses depois, em janeiro do ano que aconteceria a reforma, parte da cimalha dos fundos da igreja caiu. Acaso que resultou em uma resposta rápida do SPHAN, que enviou Luis França, mestre-de-obras do órgão, que após vistoriar, afirmou que era possível reparar a construção, e assim foi feito.

Já nos anos 60, a degradação da igreja esteve em progressão, e mesmo com a vontade de Bi Moreira de instalar um museu nas alas laterais da igreja, em 1965, o pior aconteceu: uma de suas alas laterais cedeu e foi ao chão. Graças a isso, medidas locais foram tomadas, de modo a preservar a edificação e proteger a população que ali transitava, já que apresentava risco de maior desabamento. Escreveram ao SPHAN e mesmo com o caos em que a igreja estava inserida, ela ficara tempos abandonada, e em risco iminente de desmoronamento.

O que se lia na imprensa era que a população e os órgãos municipais responsáveis apontavam a favor da reforma. Contudo, o SPHAN foi o responsável pela espera, pois dependia dele a autorização para reformar, além de dizer o que poderia ser feito na edificação da antiga igreja. Tempos depois, houve um acordo entre a paróquia e o Patrimônio Histórico, dando o aval ao pároco Henrique Boeing e à população para restaurar a igreja, e se comprometerem nessa causa, contudo, sabe-se que sem o devido conhecimento histórico e análises técnicas, um restauro não ocorreria da maneira correta.

Todas as intervenções feitas foram realizadas na parte exterior da edificação. Seu interior, consequentemente, ainda carecia de inúmeros reparos, sendo assim, a igreja permanecia fechada à visitação. Somente em 1982, por iniciativa do prefeito da época, Maurício Pádua Souza, foi dotado uma quantia para o seu restauro interno. Nesse interim, foi comandada pelo restaurador Elio de Oliveira e em apenas quatro meses e meio de obra, em 8 de maio de 1982, a igreja foi reaberta, depois de quase vinte anos.

Após passar por sua reforma externa e por seu restauro interno, ainda na década de 80, a pracinha ao lado da igreja foi implantada, juntamente com uma herma em homenagem ao professor José Luiz de Mesquita. Em 29 de maio de 1997, após um período fechada, a igreja do Rosário foi reaberta, com seu exterior na cor vermelho sangue-de-boi.

No ano em que a igreja comemoraria seus duzentos e cinquenta anos de edificação (século XXI), ficou por anos fechada ao público devido seu estado de conservação. Houve algumas tentativas de pedidos de recursos para uma nova restauração, como uma feita em 2003 pela Fundação Educativa e Cultural João Pereira de Carvalho. O projeto encontra-se arquivado na Casa da Cultura de Lavras, do qual observamos em seu memorial descritivo, que sua estratégia de ação incluía: melhorias no entorno, telhado, forro, piso interno, rede elétrica, pintura interna e externa, capela-mor, dedetização e cupinização (CASA DA CULTURA, "Pasta Igreja do Rosário", 2020).

Somente em 2008, a igreja foi reaberta, desta vez aos ofícios litúrgicos e visitação da população, após restauração interna, principalmente em seu forro, e também com o retorno de sua pintura para a cor antiga, em tom verde.

Trata-se de uma arquitetura formada por uma nave-mor e duas alas laterais, com sua fachada dividida em três corpos pelos cunhais e por duas pilastras. Seu frontão é simples, em formato triangular e com óculos quadrilobados. No seu interior, em todo o contorno da parede, é de grande valia ressaltar uma espécie de coro, como camarotes.

Após todos os processos de restauros e reformas, atualmente, a edificação conta com variadas marcas do tempo, causadas pelo desuso que passara durante alguns anos. Principalmente, marcas de infiltrações por águas pluviais, por estar localizada em uma região de rigoroso regime pluviométrico (Imagem 1).

*Imagem 1: Infiltrações lado esquerdo da nave-mor. Fonte: Elaborado pela autora, 2019.*

Provavelmente iniciadas devido telhas quebradas antes das substituições das telhas de coxa originais, foi o principal argumento utilizado para concretizar a descaracterização da cobertura da construção original. Já que, seu telhado foi refeito e todos seus materiais substituídos. Por conseguinte, patologias como desprendimento de reboco e pintura também se manifestaram na edificação, como é ilustrado pela Imagem 2.

*Imagem 2: Infiltrações lado direito da nave-mor. Fonte: Elaborado pela autora, 2019.*

A madeira, apesar de sua maioria estar em bom estado de conservação, conta com marcas da ação de insetos que a corroeram, como cupins, com defeitos causados pelo seu ressecamento e apodrecimento (Imagem 3).

*Imagem 3: Apodrecimento da madeira da esquadria da janela. Fonte: Elaborado pela autora, 2019.*

Além disso, o desgaste por seu uso constante também é um fator importante a ser ressaltado, por estar presente em variadas partes de seu piso interno (Imagem 4).

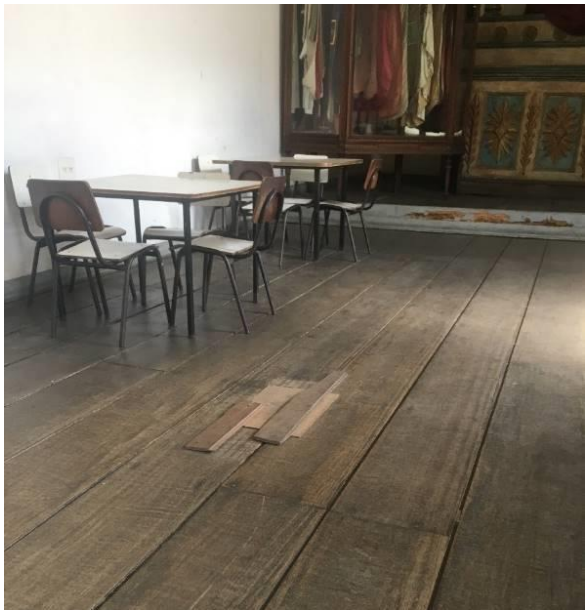

*Imagem 4: Marcas na madeira pela ação do tempo e uso constante, ao fundo degradação por insetos xilófagos. Fonte: Elaborado pela autora, 2019.*

## Análise Crítica

Lúcio Costa, quem acompanhou de longe as obras de restauração da igreja no final dos anos de 1940, quando trabalhava para o IPHAN, afirmava se tratar de um marco de arquitetura religiosa do século XVIII, com características únicas no que se refere às técnicas construtivas.

Ao longo da evolução histórica da Igreja desde 1754, quando foi edificada como uma única capela mor, contou com ações errôneas que propiciaram a descaracterização de sua construção em alguns pontos.

A década de 30 deu início ao seu processo de declínio, resultado de sua má conservação devido aos vários anos que ficara fechada na maior parte do tempo, e pela troca constante de párocos, o que refletiu também em sua conservação. Já no ano de 1928, em sua última reforma pré-tombamento, seus sinos foram substituídos por dois novos, e seus antigos, perdidos.

Reparos na edificação devido sua má preservação foi necessários em 1949, quando parte da cimalha dos fundos caiu, o que levou a sua primeira reforma, por não contar com devidos laudos técnicos e históricos que possibilitassem a utilização dos mesmos materiais aplicados a priori. Seu altar mor também foi nocivamente reformado, onde diferentes tons de tinturas foram adotados, o que afetou negativamente na expressão de

seu estilo originalmente rococó, o que levou a sua descaracterização enquanto obra de arte, como mostra a Imagem 5.

*Imagem 5: Altar-mor original, ano de 1949 (à esquerda), ao meio, altar no ano de 2004 e à direita, ano de 2019. Fonte: IPHAN, 1999; Honório Nicholls, 2004, p.288. Elaborado pela autora, 2019.*

Os anos 60 ficaram marcados pela progressão da degradação da igreja, pelo descaso geral e falta de conservação, que a levou a ser assunto de demolição. Por conseguinte, após atos de protesto ela foi tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). E apesar disso, não foi conservada e preservada como deveria.

No ano de 1970, uma reforma exterior de emergência precisou ser feita, por parte de uma de suas alas ter cedido e ido ao chão. Após a demorada resposta do SPHAN, decretaram, que com determinada quantia, o pároco responsável poderia a reformar juntamente com a população voluntária. Sem acompanhamento e sem contar com profissionais de restauro, não houve portanto, devida consideração com seu aspecto técnico nem histórico, já que, a construção original foi baseada em argila pura secada ao sol, misturada com palha e barro (adobe), e nesse ano, seu restauro foi feito apenas contando com cimento e britas.

Seu restauro propriamente dito, foi realizado no ano de 1982, apenas em seu interior e por iniciativa do IPHAN, em consequência do seu mau estado de conservação. Contudo, seu exterior contou apenas com uma pequena reforma, no ano de 1997, quando sua cor foi equivocadamente alterada para o tom vermelho sangue-de-boi.

Apenas em 2008, ao ser reformada detalhadamente, foi reaberta ao público vinte anos depois, após voltar para a cor verde-escuro, que já fora usada em suas janelas no ano de 1949 e em seu corpo entre os anos de

1970/1980. Sabendo disso, é importante ressaltar que sua cor utilizada originalmente era na tonalidade de "cinza amarelado"

Um destaque de sua reabertura foi a restauração da pintura do forro da igreja, ainda que um tanto controversa: mesmo contando com profissionais, a obra original não foi retratada criteriosamente (Imagem 6).

*Imagem 6: Pintura ilusionista representando a Sagrada Família (no centro) e os Santos Doutores da Igreja (nos cantos), composição rococó atribuída originalmente a Joaquim José da Natividade, à esquerda. À direita, foto da pintura do forro após "restauro" em 2008. Fonte: Honório Nicholls, 2004, p.288; elaborado pelos autores, 2019.*

Outra crítica ao restauro da igreja foi a substituição das telhas originais, conhecidas como telhas de coxa, trocadas sob justificativa de cessar as inúmeras infiltrações que estavam degradando pouco a pouco seu interior. De fato, as infiltrações não cessaram dada a forma de sua colocação, pois não foram devidamente amarradas, fato que só veio a ocorrer no ano de 2019.

## Conclusão

O processo de decadência, que refletiu na falta de conservação da Igreja, teve início nos anos de 1930, quando era aberta apenas em ocasiões especiais, como nas comemorações da Semana Santa. Mesmo após ser tombada em 1948, a falta de cuidado e preservação progrediu, devido à demora de intervenções concretas perante seu restauro, deixando que atitudes fossem tomadas apenas quando o extremo ocorria. Ato que refletiu em reformas rápidas, e não em devidos restauros, que deveriam contar com laudos técnicos garantindo a preservação da real história e técnica construtiva da época em que foi construída. Fato merecido para uma obra tombada legalmente.

O maior reflexo da demora das intervenções, que deveriam primeiramente ser aprovadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, se encontra em seu interior, dado a

degradação causada pelo tempo em que ficara fechada e pelas infiltrações das águas da chuva. Em suas peças catalogadas, pode ser mencionado as intervenções ocorridas em seu altar e seu forro, que, devido a nova paleta de cores, como pôde ser visto anteriormente, descaracterizou em parte a obra original.

O desenvolvimento do presente assunto relativizou a necessidade de intervenções nos danos de maior reincidência. Sendo assim, houve a sinalização para um novo restauro de sua cobertura, principal causador de degradação interna, devido ao alto regime pluviométrico da região em que ela se encontra. Tal fato se manifesta em grandes patologias e no apodrecimento das esquadrias em madeira. Além disso, os danos causados por insetos xilófagos (aptos a madeira) também são apontados como recorrentes. Portanto, esses são alguns pontos que devem ser regularizados, para que se estabilize o quadro de degradação, e, desse modo, apenas alterações do tempo passarão a caracterizar e a valorizar ainda mais a edificação histórica, devido ao envelhecimento natural das peças e de sua edificação.

Dada a importância do assunto, em garantir a preservação, conservação e transmissão do valor histórico da edificação para as gerações futuras, medidas de educação patrimonial para que cada dia mais a população se sinta parte da história da edificação, devido sua importância no desenvolvimento do município, e que um dia, já atuou no papel de Matriz da cidade, é uma proposta. Para que junto, ocorram ações conservativas, de manutenção, monitoramento e acompanhamento da edificação, valorizando também, o Museu Sacro de Lavras, que se encontra em um dos corpos laterais da Igreja.

### Notas

(1). Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), foi fundado em 1937, sendo o mesmo, a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Atualmente, se denomina Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Z.T; COELHO, A.L; TAVARES, M.C. **Lavras**. Trabalho apresentado à disciplina de Gestão e da Memória – Arquivo, patrimônio e museu. Pela UEMG, FELA e Instituto Superior de Ciências Artes e Humanidades de Lavras, 1997.

CASA DA CULTURA. **Arquivo do Setor de Memória e Patrimônio.** Pasta "Igreja do Rosário".

COSTA, L. **Lúcio Costa: documentos de trabalho**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. **Corpo Legislativo**. 7 de agosto de 1875. Ano 58. Nº 218. P.1.

NÉMETH-TORRES, G. **Os 250 anos da Paróquia de Sant'Ana:** Uma história da Igreja Católica em Lavras. Lavras: Geovani Németh-Torres, 2010.

_____. **História Geral de Lavras, volume I.** Lavras: Geovani Németh-Torres, 2018.

PEREIRA, H. N. **Histórico de Alterações como método auxiliar de diagnóstico:** Uma abordagem experimental. Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação, vol.1, No.5, pp.286 – 291. 2007.

_____. **Laudo Técnico Município de Lavras/MG** – Bem Cultural: Igreja Nossa Senhora do Rosário, ano 2001. Disponibilizado pela Casa da Cultura de Lavras.

_____. **Projeto de Restauração da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Lavras.** Dissertação (Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia. Salvador: CEAB; FAUFBA, 2004. 4v.

*Church of Nossa Senhora do Rosário: history*

*Abstract: Lavras (Minas Gerais), formerly known as Sant'Ana das Lavras do Funil, has as its initial landmark the Church of Our Lady of Rosary. One of the few remaining buildings from the 18th century in the region, it was built gradually mixing Baroque and Rococo styles and was originally characterized by wood and stone carving works. The problem proposed here revolves around how this building is in the year 2020 and whether the transformations it underwent were beneficial to its preservation or not, highlighting the most mischaracterized points, through the historical contextualization method.*

*Keywords: Historic architecture. Cultural heritage. Restoration.*

*Iglesia de Nossa Senhora do Rosário: historia*

*Resumen: Lavras (Minas Gerais), antes conocida como Sant'Ana das Lavras do Funil, tiene como hito inicial la Iglesia de Nuestra Señora del Rosario. Uno de los pocos edificios del siglo XVIII que quedan en la región, fue construido mezclando gradualmente los estilos barroco y rococó y originalmente se caracterizó por trabajos de talla en madera y piedra. El problema aquí propuesto gira en torno a cómo se encuentra este edificio en el año 2020 y si las transformaciones que sufrió fueron beneficiosas para su conservación o no, destacando los puntos más mal caracterizados, a través del método de contextualización histórica.*

***Palabras clave:** Arquitectura histórica. Patrimonio cultural. Rrestauracion.*